

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEMÂNTICA DO SÓ

### *SOME NOTES ON THE SEMANTICS OF "SÓ"*

Mariana Santos Resenes<sup>1</sup>  
 Mestranda em Linguística - UFSC - CNPq  
 Letícia Lemos Gritti  
 Mestranda em Linguística - UFSC - CAPES

#### **Resumo**

Este artigo trata do item *só*, sensível a foco. Por falta de referências sobre o tema no português brasileiro (PB), retoma-se o texto de Herburger (2000) *Only and even*, fazendo adaptações aos dados. Conforme essa autora, uma exigência sintática do *only* (equivalente ao *só* no português) é a de que ele tem que ter um elemento focalizado no domínio de seu c-comando – o que para os dados do PB acontece ou em sintaxe visível (a maioria dos casos) ou somente em forma lógica (LF). Atesta-se, ainda, que tal elemento pode ocorrer em qualquer posição sintática e atuar sobre qualquer categoria sintática. De acordo com Herburger (2000), há dois tipos de *só*: o *regular only* (*só padrão*) e o *scalar only* (*só escalar*) – análise que será questionada, visando a defender um único tipo de *só*, com base em uma semântica sensível ao contexto.

**Palavras-chave:** *Só*. Foco. Semântica. Pragmática.

#### **Abstract**

This paper is about the item *only*, sensitive to focus. Because of lacking of references about it in brazilian portuguese (BP), we based our inquiry especially on Herburger's text (2000) *Only and even*, making adaptation to our data. Accordingly to this author, one *only*'s syntatic requirement (equivalent to *só* in portuguese) is to have one focused element in its c-command domain – to BP data, this occur either at opened syntax (most of cases) or just at LF. It was also attested that *only* can appear at any syntatic position and have effect over any syntatic category. According to Herburger (2000), there are two types of *only*: *regular only* and *scalar only* – analysis that will be questioned in order to defend only one type of *only*, based on a context sensitive semantics.

**Keywords:** *Only*. Focus. Semantics. Pragmatics.

### **1 SOBRE A VARIEDADE TIPOLOGICA**

Há nas línguas naturais itens que, embora minúsculos foneticamente, são de natureza semântica bastante complexa e apresentam um uso altamente diversificado. Este parece ser o caso do *only*, equivalente ao *só* no português. O item é bastante estudado no inglês por Atlas (1991, 1993), Horn (1996), Bonomi e Casalegno (1993), Fintel (1997)<sup>2</sup>, entre outros, porém o presente trabalho está centrado em Herburger (2000), com adaptações aos dados do português brasileiro.

<sup>1</sup> marianaresenes@yahoo.com; leticiagritti@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Autores mencionados em Herburger (2000).

O interesse<sup>3</sup> em estudar o item *só* surgiu em decorrência do texto de Fox (2006), no qual se afirma que sentenças com um elemento focalizado possuem um operador de exaustividade invisível responsável por eliminar a potencial ambigüidade de sentenças como (1) abaixo:

- (1) João tem três filhos.

Sem foco marcado, essa sentença poderia ser ambígua entre as seguintes leituras: “João tem pelo menos três filhos” (de acordo com a semântica do numeral) e “João tem exatamente três filhos” (via implicatura). Por outro lado, com o foco em “três”, surge um operador de exaustividade invisível, acionado pela leitura *default* que atua semelhantemente ao *só*, isto é, permite apenas a segunda interpretação, aquela derivada por implicatura, anulando, assim, a opção de “João ter mais que três filhos”, haja vista que o *só*, de fato, elimina alternativas. Por isso, o item não envolve só a semântica e a sintaxe, mas também a pragmática, \

Ao buscar estudos no português brasileiro relativos ao *só*, foram encontrados escassos apontamentos em Ilari (1990) e Possenti (1992), razão por que resolvemos tratar desse item a fim de tentar compreender melhor o seu uso no PB.

Porém, antes de tudo, é preciso salientar que há vários tipos de *só* com diferentes interpretações e usos, conforme lista abaixo, mas excluídos do presente estudo.

- (2) A Maria está *só*. → adjetivo
- (3) Ela ia dizer tudo a ele, *só* que ele não apareceu lá. → adversativo
- (4) Nós podemos ir à festa, *só* que é pra ir fantasiado. → condicional
- (5) Ele não fez certo, imagina *só* os outros. → intensificador
- (6) Ele *só* saiu e a festa começou. → temporal
- (7) A festa tava boa? *Só*...! → da gíria
- (8) Olha que som legal, sente *só*! → especificação da gíria

O tipo de *só* prototípico é o adverbial, chamado por Herburger (2000) *regular only* e por nós, *só padrão*. Esse tipo adverbial é considerado pela autora um quantificador sensível ao foco<sup>4</sup>, sendo que ele gera alternativas e o *only* opera sobre um constituinte da

<sup>3</sup> Estudo realizado no Seminário de Especialidade em *Semântica: a interface semântica/pragmática*.

<sup>4</sup> É amplamente reconhecido na literatura que o foco, além de ser pragmático, é, em parte, um fenômeno semântico, dado que as condições de verdade das sentenças em que figura mudam quando associado a operadores sensíveis ao foco – o que pode ser verificado pelos exemplos abaixo, extraídos de Glanzberg (2005):

- (i) a. John only introduced Bill to SUE.
- b. John only introduced BILL to Sue.

Em (ia), John apresentou o Bill só para a Sue e para mais ninguém, logo, o Bill só conheceu a Sue; já em (ib) John apresentou só o Bill para a Sue, mais ninguém, logo a Sue só conheceu o Bill. Porém, se houver um caso em que John apresentou o Bill para a Sue e para a Mary (ia) é falsa e (ib) é verdadeira. Portanto, sentenças aparentemente iguais, diferindo apenas quanto ao elemento marcado pelo foco (sobre o qual *só* atua) portam condições de verdade distintas. Assim, para Glanzberg (2005), os efeitos do foco são dados na estrutura semântica da sentença. Outros pesquisadores também concordam nesse aspecto: Jackendoff

sentença, elegendo uma e eliminando todas as demais alternativas de um mesmo campo semântico disponíveis para aquela posição, conforme o exemplo a seguir:

(9) Só O JOÃO veio.

Tal sentença poderia ser parafraseada por ‘O João e apenas o João veio’ (e mais ninguém), nem o Pedro, nem o Rodrigo, nem o José - o que resultaria na interpretação de exaustividade. Assim, a leitura de “só [x]”, em que x pode ser uma categoria qualquer, resultaria em algo como “x e apenas x”. E o tratamento dado por Herburger (2000), dentro do quadro teórico da semântica de eventos, para este tipo de *só* é o de quantificador que atua sobre eventos, de acordo com a forma lógica abaixo:

(10) [only e: F(e)] G(e) iff  $F \neq \{ \}$  &  $\forall f ((f \in F) \rightarrow \exists e (\text{Part}(f, \text{of } e) \& e \in G))$

*Só* (somente) um evento *e* que tem um predicado *F* então tem um predicado *G* se e somente se o conjunto denotado pelo seu restritor não for vazio e, para todo evento *f* que pertencer a esse restritor, haverá um outro evento *e*, do qual o anterior é parte, e esse evento *e* pertence ao seu escopo. Vejamos como isso acontece:

(11) Gertrude only quoted SHAKESPEARE.

Todo evento de citação que Gertrudes fez, e ela fez um, é parte dos eventos de citação que ela fez de Shakespeare. Isso é formalizado da seguinte maneira:

(12)  $\exists e (\text{Quote}(e) \& \text{Past}(e) \& \text{Agent}(e, \text{gertrude}) \& \forall e' ((\text{Quote}(e') \& \text{Past}(e') \& \text{Agent}(e', \text{gertrude})) \rightarrow \exists e'' (\text{Part-of}(e', e'') \& \text{Quote}(e'') \& \text{Past}(e'') \& \text{Agent}(e'', \text{gertrude}) \& \text{Theme}(e'', \text{shakespeare})))$

No entanto, percebemos que sentenças em que há escalas com acarretamento, como (13) abaixo fornecida por Fox (2006), constituem-se em contra-exemplos para a semântica do *only* apresentada por Herburger (2000):

(13) João tem só três filhos.

O exemplo em (13) põe em xeque a análise da autora que afirma que o *only* escolhe, dentre as alternativas, uma e apenas uma, excluindo todas as demais. Se sua afirmação se confirmasse, no exemplo acima João teria apenas três filhos e não teria dois e nem um - o que não é verdade, uma vez que “João tem só três filhos” acarreta logicamente que ele tem dois e também um.

Seria desejado, portanto, adequar a semântica do *regular only* de Herburger (2000) a fim de dar conta do (contra-)exemplo de Fox, isto é, impedir que o *só* exclua os indivíduos que são acarretados logicamente numa dada escala – escala que é semântica. Dessa maneira, pensamos que uma leitura satisfatória para “só [x]” deveria resultar em algo como “x e apenas x e tudo aquilo que x acarreta”.

---

(1972 apud GLANSBERG, 2005) chama isso de “fenômeno de efeitos na condição de verdade” e Rooth (1985 apud GLANSBERG, 2005) de “associação com foco”.

## 2 A INTERAÇÃO COM OUTROS OPERADORES

No português, as gramáticas tradicionais, quando citam o *só*, consideram-no advérbio de exclusão. Na *Gramática de Usos do Português* (Neves, 2000), há a citação do *somente*, considerado dentro do grupo da exclusão; da mesma forma, na *Gramática do Português Falado*, Ilari (1990) e Possenti (1992, p. 307) também consideram o *só* um advérbio de exclusão: “a palavra *só* tem como efeito a exclusão de tudo o que não está no seu escopo” e o contrapõem ao *também*, advérbio de inclusão. Porém, essa definição só será aplicada se soubermos onde se localiza o foco. Sem isso, não saberemos sobre que constituinte incidirá o escopo, e, além disso, não dá para afirmar que há “uma exclusão de tudo o que não está no seu escopo”, pois, como já foi visto, isso não se aplicaria aos casos como em (13).

No que diz respeito à interação que o *só* estabelece com outros operadores, Ilari (1990) mostra exemplos que acabam por perder a leitura de exclusividade em uma das interpretações (sentença em (15)):

- (14) João só não trabalha no verão. (exclusividade da negação)  
 (15) João não trabalha só no verão. (negação da exclusividade)

Em (14), se colocarmos o foco no sintagma *no verão*, a única estação em que o João não trabalha é o verão; mas se o foco incidir sobre o verbo *trabalha*, a interpretação será que João faz de tudo no verão, menos trabalhar. Já em (15), o verão não é a única estação em que o João trabalha, ele trabalha em outra(s) também. Entretanto, vale ressaltar que essa segunda sentença é ambígua, podendo ter, além dessa, a interpretação encontrada em (14) (exclusividade da negação), o que é esperado, visto que há dois operadores. Essa alternância do elemento focalizado não foi explorada nem por Possenti, nem por Ilari, que apenas problematizam a questão da ambigüidade e colocam sentenças semelhantes a essas no campo da vagueza; porém se a noção de foco for incluída na sua tentativa de explicação, esse problema se revolve, suprimindo-se a vagueza.

Ainda com relação à interação entre operadores, ela também acaba por modificar o valor de verdade e as pressuposições que as sentenças carregam, o que é esperado: como o pressuposto é a contraparte do foco, ele depende diretamente do elemento focalizado, com o qual o *só* está associado. O seguinte exemplo, retirado de Ilari (1990), ilustra esse ponto:

- (16) Não só o João saiu.

No exemplo em (16) talvez fique mais evidente o jogo da exclusividade e também o das pressuposições. A pressuposição é ‘João saiu’, e se o foco for em *João*, além dele, outras pessoas também saíram; já se o foco for em *saiu*, a interpretação é que João fez outras coisas além de sair<sup>5</sup>. O que fica em evidência nas sentenças abaixo:

- (17) a. Não só o João saiu, como voltou.  
 b. O João não só saiu.

<sup>5</sup> Nesse caso, a pressuposição fica melhor evidenciada se houver o acréscimo de adjuntos, tais como: (16b) Não só o João saiu, como voltou. Dessa forma, a interpretação seria, não só o João saiu, mas também voltou.

Dessa forma, em (17a), com o acréscimo de adjuntos, a interpretação seria ‘não só o João saiu, mas também voltou’. A mesma pressuposição é ativada em (17b), contudo, nesse o *só* mudou de posição, ou seja, a posição do *só* pode definir a determinação do foco.

### 3 ASPECTOS SINTÁTICOS

Quanto ao seu comportamento na estrutura sentencial, conforme explica Herburger (2000, p. 87), uma exigência sintática do *only* (equivalente ao *só* no português) é a de que ele tem que ter um elemento focalizado no domínio de seu c-comando – o que para os dados do PB acontece ou em sintaxe visível (a maioria dos casos) ou somente em LF (opção não disponível para o inglês), ainda que essa não seja a opção preferencial no PB. Como exemplo desse último caso, o foco pode incidir sobre o DP<sup>6</sup> e o PP objeto, mas não sobre o DP sujeito, sobre todo o VP e sobre todo o IP, conforme mostra o contraste entre as sentenças abaixo:

- (18) a. O João comprou O GUARANÁ só.  
 b. O João deu o dinheiro PRA MARIA só.  
 c. \*O JOÃO comprou o guaraná só.  
 d. O João COMPROU O GUARANÁ só.  
 e. O JOÃO COMPROU O GUARANÁ só.  
 f. O JOÃO BEIJOU A MARIA só.

A respeito de (18e), é preciso comentar que ela poderia ter uma leitura de tópico contrastivo (“contrastive topic”) (cf. GLANZBERG, 2005), em que *o João*, adquire um status de “novo-dado” (“*new-given*”):

- (19) a. O que que cada um fez pra colaborar com a festa?  
 b. [O JOÃO]<sub>T</sub> [COMPROU O GUARANÁ]<sub>F</sub> só.

Ou, ainda no caso de focalizar todo o IP (foco largo), um contexto para (18f), por exemplo, poderia ser este abaixo:

- (20) a. O que que aconteceu de interessante na festa?  
 b. O JOÃO BEIJOU A MARIA só.

Atesta-se, ademais, que o *só* pode ocorrer em qualquer posição sintática (exemplos em (21)) e também atuar sobre qualquer categoria sintática (exemplos (22)-(29)):

- (21) a. Só o João deu o livro pra Maria.  
 b. O João só deu o livro pra Maria.  
 c. O João deu só o livro pra Maria.  
 d. O João deu o livro só pra Maria.

---

<sup>6</sup> As abreviaturas utilizadas referem-se à nomenclatura utilizada pela gramática gerativa e são especificadas da seguinte forma: IP: Inflexional Phrase (Sintagma Flexional), VP: Verbal Phrase (Sintagma Verbal), DP: Determiner Phrase (Sintagma Determinante), PP: Prepositional Phrase (Sintagma Preposicional), CP: Complementizer Phrase (Sintagma Complementizador).

- (22) Só [<sub>CP</sub>QUANDO O JOÃO FALOU COM A MARIA], ele descobriu a verdade.
- (23) \*Só [<sub>IP</sub>A MARIA BEBEU CHAMPANHE].
- (24) Só [<sub>IP</sub>DESENFORME O BOLO].
- (25) Só [<sub>InfP</sub>TER DINHEIRO] não basta.
- (26) Só [<sub>DP</sub>O JOÃO] quer casar.
- (27) Só beba água [<sub>AP</sub>MINERAL].
- (28) Eu vou só [<sub>PP</sub>NO TEATRO].
- (29) Use o sal só [<sub>AdvP</sub>ÀS VEZES/RARAMENTE / \*FREQUÊN-TEMENTE / \*SEMPRE].

A agramaticalidade de (23) não significa que o *só* não é capaz atuar sobre todo o IP, basta observar a sentença em (24), em que o c-comando do *só* sobre todo IP é visível, ou as sentenças em (18e,f), em que o c-comando ocorre somente em LF. Parece, então, que o que está interferindo no escopo do *só* manifesto em sintaxe aberta sobre todo o IP é a presença de um sujeito com matriz fonética<sup>7</sup>. Notamos que a sentença em (23) é boa com o escopo do *só* apenas sobre o sujeito, mas esse não é o caso que queremos ilustrar nessa sentença, como indicado pela marcação entre colchetes do constituinte sobre o qual o *só* atua. Já em (29), percebe-se que não é qualquer advérbio que pode ser combinado ao “*só*”. Limitando-se aos advérbios de frequência, a combinação do *só* não resulta boa com aqueles que recobrem a totalidade de um dado domínio, como *nunca*, *sempre*. Esse é o caso também do quantificador universal *todos*:

- (30) \*O João só nunca veste terno e gravata.
- (31) \*O João usa protetor solar só sempre.
- (32) \*Só todas as meninas ganharam presente.

Isso é compreensível, uma vez que o *só* precisa selecionar alguma alternativa e, dado que esses advérbios não apresentam alternativas, tornam-se incompatíveis com ele.

Entretanto, parece razoável sua associação com outros advérbios que expressem grau elevado, como *muito*:

- (33) Só muito amor vai abrandar o seu coração.

Ademais, em face da agramaticalidade da combinação do *só* com *frequentemente* por um lado e da gramaticalidade com *às vezes* / *raramente* por outro, constatamos que a restrição se aplica a advérbios que exprimem regularidade.

#### 4 SÓ ESCALAR (SCALAR ONLY – HERBURGER (2000))

Retornando ao texto de Herburger (2000), verifica-se que a autora não trata apenas do *regular only*. Ela aborda também um outro tipo, denominado *scalar only*. Justamente para discutir se é mais adequado considerá-lo o mesmo *só padrão* (com especificações

<sup>7</sup> Certamente é preciso averiguar com maior rigor exemplos como esse (aplicando testes a falantes etc), para termos maior segurança nessas afirmações.

pragmáticas) ou como constituindo um outro tipo – o *só escalar* (*scalar only*) – é que o deixamos fora dos “outros”, excluídos no início do trabalho. Segue o exemplo da autora:

(34) Juliet was only DRUGGED<sup>8</sup>.

Desse modo, para a autora, enquanto o *só padrão* atua sobre indivíduos e pega a única alternativa possível, excluindo todas as demais, o *só escalar* atua sobre escalas e diz que uma certa alternativa é a mais alta na escala, excluindo todas as outras que estiverem acima e deixando em aberto para as que estiverem abaixo.

No entanto, é possível encontrar uma situação que traz problemas para o *só escalar*: pensemos em um médico legista que, após examinar o corpo de uma paciente (Juliet), profere a sentença em (34) a seus colegas. Nesse caso, apesar de Juliet já estar morta (estado mais alto na escala do que drogada), a sentença é apropriada – o que viola a descrição da autora para o *só escalar*.

(35) reproduz a forma lógica do *só escalar* dada por Herburger (2000):

(35) [only-scalar e: F(e)] G(e) iff  $F \neq \{ \}$  &  $\forall f ((f \in F) \rightarrow \exists e (\text{not-ranked-higher}(f, \text{than } e) \& e \in G))$

*Só* (-escalar) um evento *e* que tem um predicado *F* então tem um predicado *G* se e somente se o conjunto denotado pelo seu restritor não for vazio e, para todo evento *f* que pertencer a esse restritor, haverá um outro evento *e*, em relação ao qual o anterior não pode estar mais alto, e esse evento *e* pertence ao seu escopo.

Assim, conforme Herburger (2000), enquanto para o *só padrão* os eventos membros do conjunto denotado pelo seu restritor são parte dos eventos membros do conjunto denotado pelo seu escopo, para o *só escalar* aqueles não podem estar mais altos numa certa escala (dada contextualmente) do que esses últimos. Contudo, por tal escala ser discursiva/pragmática, ou seja, não envolver uma relação de acarretamento, diferentemente do que ocorre no exemplo (13) discutido acima, torna-se mais difícil sustentar que essa distinção entre os tipos de *só* seja semântica, como o quer a autora.

A questão é, então, analisar se não é a Pragmática a responsável por essa leitura escalar do *só* – caso em que os dois *só* (o *padrão* e o *escalar*) seriam semanticamente o mesmo, ou seja, teriam as mesmas condições de verdade - diferentemente do que faz Herburger (2000), que apresenta uma “semântica enriquecida” para o *só escalar*.

Antes de defendermos uma posição, é oportuno voltar à discussão que o exemplo de Fox (2006) trouxe à tona: sentenças como (13), envolvendo uma escala numérica, repetida aqui em (36), obrigam que a semântica do *só* não seja capaz de excluir todas as alternativas exceto uma, a eleita.

(36) João tem só três filhos.

<sup>8</sup> (34) “does not mean that Juliet was nothing other than drugged; rather, it means that she was nothing worse than drugged (i.e., she was not dead)” (HERBURGER, 2000, p. 87).

Claramente, na situação descrita em (36), o total de filhos que João tem são três (o foco); mas, é verdade também que ele tem dois e ainda um – valores que não podem ser anulados pelo *só*. Todavia, esse tipo de acarretamento está presente, analogamente, em muitas outras sentenças. Tomemos o próprio exemplo com que Herburger (2000) ilustra o *regular only*, mostrado em (11) e repetido abaixo:

(37) Gertrude only quoted Shakespeare.

Colocando o foco sobre o verbo “citar”, se Gertrude só citou Shakespeare, deve ser verdade que, para isso, ela tenha feito outras coisas antes, como, por exemplo, lê-lo<sup>9</sup>. Portanto, estando as relações de acarretamento presentes, o *só*, de fato, não pode eliminar esses outros eventos acarretados pelo evento focalizado.

Porém, é importante salientar que os eventos acarretados nem sempre são todos raciocínios válidos, conforme os exemplos abaixo:

(38) João ganhou um carro, então ele está feliz.

(39) João ganhou um carro roubado, então ele está feliz.

No exemplo em (38), o raciocínio do acarretamento é válido, porém em (39) não o é, dado que uma pessoa que ganha um carro roubado, sabendo das leis que condenam os roubos, não ficará feliz com um presente desses. Logo, nem todos os raciocínios de acarretamento funcionam, pois há a dependência do que sabemos sobre o mundo. Foi isso o que aconteceu com a sentença (34) na situação em que Juliet estava morta<sup>10</sup>: o acarretamento - Juliet está só DROGADA, então ela não está morta - não aconteceu. Portanto, é preciso haver um fundo conversacional compartilhado que permita a interpretação de que ela poderia estar *só* drogada e, ainda, morta<sup>11</sup>.

Levando tudo isso em conta, julgamos que representa um ganho em economia e adequação empírica postular a existência de um único tipo de *só*, uniformizando sua semântica, de modo que “*só* [x]” seja interpretado como “x e apenas x e o que x acarreta dentro de um contexto limitado”, ressaltando que “x” – o elemento mapeado pelo foco – deve pertencer ao conjunto denotado pelo restritor do *só*. Assim, com uma semântica do *só* sensível ao contexto, consegue-se dar conta dos dois tipos de *só* assumidos por Herburger (2000), bem como de acomodar o (aparente contra-)exemplo de Fox (2006).

<sup>9</sup> Há quem possa questionar isso, argumentando que ela pode tê-lo citado sem, necessariamente, tê-lo lido (ela pode ter decorado uma passagem do autor, que ouviu). Porém, não se pode invalidar o fato de que houve eventos relacionados realizados antes.

<sup>10</sup> exemplo do parecer do médico legista, discutido acima.

<sup>11</sup> O problema também se repete em sentenças comparativas, condicionais e genéricas, considerados contextos de acarretamento. Sobre toda essa discussão, Heim (1984) propõe o que chama de “Acarretamento Decrescente Limitado” (LimitedDE), uma noção mais fraca de acarretamento, dependente de um reforço, que deve ocorrer dentro dos limites do fundo conversacional compartilhado. Essa foi a solução assumida pela autora Heim (1984) para explicar o licenciamento dos itens de polaridade negativa do inglês.



**REFERÊNCIAS**

FOX, D. (2006). **Free choice and theory of scalar implicatures**. Cambridge, Mass.: MIT Press.

GLANSBERG, M. (2005). Focus: a case study on the semantics – pragmatics boundary. In: \_\_\_\_\_. **Semantics vs. Pragmatics**. Oxford: Zoltán Gendler Szabó.

HEIM, I. (1984). Notes on negative polarity and downward entailingness. In: Jones, C. & Sells, P. eds.. **Proceedings of NELS**, 14. Amherst: GLSA, 98-107.

HERBURGER, E. (2000). Only e even. In: \_\_\_\_\_. **Focus and Quantification**. Cambridge, Mass.: MIT Press.

ILARI, R. (1990). Considerações sobre a posição dos advérbios. In: \_\_\_\_\_. **Gramática do português falado**. vol I. Campinas: Editora da UNICAMP.

NEVES, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.

POSSENTI, S. (1992). Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. vol. II. Campinas: Editora da UNICAMP.

*Original recebido em: 01/10/2008*

*Texto aceito em: 10/12/2008*